



A FISIONOMIA DA PEDRA:

Um olhar sobre a escultura de Agostinho Balmes Odísio

Amanda Teixeira da Silva¹

Universidade Federal do Cariri - UFCA

E-mail: amanda.teixeira@ufca.edu.br

Para muitos jornais da década de 1930, o desaparecimento de Padre Cícero representava um problema. Seria um problema econômico, que levaria à fuga de mão-de-obra do Nordeste para o Sudeste e o Norte; um problema social causado pelos possíveis acessos de fanatismo que já não seriam aplacados pelo sacerdote; ou um problema político, já que os devotos, romeiros e retirantes ficavam então sem o apoio espiritual, moral e material do *Padrinho*. Para os romeiros, por outro lado, o desaparecimento do Padre Cícero significava o fim de uma relação íntima com um santo que falava a língua dos pobres, e que nunca se negava a ouvir e auxiliar os necessitados. Produzia ainda uma dúvida: poderia um santo ser mortal?

Diferente dos romeiros, dos jornalistas e dos escritores do período, o escultor Agostinho Balmes Odísio viu em Juazeiro sem o Padre Cícero não um risco ou um problema, mas uma grande oportunidade. Ele sabia que o santo morto poderia valer mais do que um padre vivo. Seu espírito empreendedor o conduziu até a distante cidade de Juazeiro do Norte, no Ceará.

¹ Professora da Universidade Federal do Cariri – UFCA. Doutoranda em História pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Mestre em História pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Pesquisa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. E-mail para contato: amanda.teixeira@ufca.edu.br



Agostinho Balmes Odísio nasceu em Turim, na Itália. Se dedicou ao curso de Belas Artes em sua cidade natal e em Roma. Em 1912, conquistou uma bolsa de estudos e partiu para a França, com o objetivo de estudar Artes e Arquitetura em Paris, onde chegou a ser aluno de Auguste Rodin. Na Europa, esculpiu bustos e nichos. A atividade desenvolvida por Odísio pode ser compreendida como a de um “artista-artesão”. Ele dominava toda a produção, desde a compra da matéria-prima e elaboração do projeto da imagem a ser esculpida, até o trabalho no barro, no gesso ou na pedra. É preciso lembrar que a escultura feita nesse sistema deveria, necessariamente, agradar ao comprador. Não havia espaço para grandes ousadias e voos artísticos. Maria Eliza Borges defende que nesse tipo de organização do trabalho, “o manufaturado artístico era apazível pela sua utilidade, pela sua feitura ou pelo significado religioso que possuía” (BORGES, 2002, p. 49).

Agostinho Odísio se deslocou até o Nordeste com o objetivo de alavancar sua carreira produzindo objetos de recordação do *Padrinho*. Essas “lembranças” que os romeiros levavam de volta para seus locais de origem, e que os comerciantes e empresários da cidade utilizavam para abençoar seus negócios e fazer propaganda, se constituíram como meios de vida para Odísio, e meios de recordação para os devotos de Padre Cícero.

A trajetória de Odísio em Juazeiro se iniciou graças ao trabalho desenvolvido como marmorista, mas se consolidou através das muitas obras sacras elaboradas. Como se sabe, os bustos, estátuas e monumentos são idealizados para lembrar figuras públicas, ficando por isso eclipsados os nomes dos artistas que elaboraram tais peças. Os escultores, em geral, são esquecidos, e o mesmo ocorre frequentemente com as figuras públicas que os monumentos buscam lembrar. Em Juazeiro, algo diferente se deu. O vulto de Padre Cícero, representado em bronze, gesso, madeira, cimento e concreto, jamais foi olvidado.



Em Juazeiro, àquela época, já existiam outros artistas-artesãos que fabricavam estátuas voltadas ao culto religioso. Geralmente as obras eram talhadas na madeira. Talvez tais imagens não correspondessem a uma perfeita representação da figura humana, mas cumpriam a função a que se propunham. Segundo Odísio, havia escultores que optavam por usar o machado como ferramenta para esculpir, por exemplo.

Em Juazeiro, o trabalho de Odísio encampou diferentes possibilidades. Ele criou medalhões de Nossa Senhora das Dores e de Padre Cícero. Esculpiu figuras políticas, bispos, padres, e realizou serviços funerários para os filhos das nobres famílias caririenses. A fidelidade com que reproduzia a imagem do santo local o levou a surgir como figura destacada na região, e suas obras passaram a ser procuradas e vistas por dezenas de pessoas diariamente. Odísio se decepcionava, contudo, com a miséria do público-alvo de sua arte, e com as peculiaridades do gosto artístico das elites caririenses, que pouco se interessavam pelas imagens do *Padrinho*:

[...] há quem se ajoelhe e rese a frente de uma peça qualquer; quem pede a = meu padrinho = para lhe fazer graça de ganhar dinheiro para poder comprar uma = estauta = ou uma = redoma = (medalhão) e entra uma porção deles, saem, e entra outros, e não exagero em diser, ser pelo menos uns cinquenta por dia, e não só romeiros, mas de toda classe e até das cidades visinhas; pena é que aqueles que dariam a vida por comprar, não podem, e aqueles que poderiam só se interessam pela obra de arte. (ODÍSIO, 2006, p. 90)

Quando buscou moradia no Cariri, Odísio provavelmente não esperava encontrar uma elite que desprezava o culto ao Padre Cícero. Percebeu então que seus clientes em potencial eram os pobres devotos que mal tinham o suficiente para o sustento do corpo. O realismo empregado por ele nos trabalhos funerários foi importante, no entanto, para que se estabelecesse como artista de relevo na cidade de Juazeiro. Como afirma Elizia Borges, o retratismo comum na arte funerária da Belle Époque buscava inspiração num realismo evocador. As obras de do escultor italiano tinham esse caráter, e por isso, quase adquiriam o poder de trazer Padre Cícero à vida. O



Padre Cícero levantado em cimento por Odísio foi instalado num nicho em frente à igreja em que repousava o corpo do *Padrinho*, tendo sido inaugurado em 1940 por José Geraldo da Cruz, então prefeito de Juazeiro. Esse trabalho pretende discutir tanto a influência da arte funerária sobre a produção de Odísio quanto as rupturas e permanências instauradas pela obra que desenvolveu em Juazeiro.

PALAVRAS-CHAVE: Escultura; Juazeiro do Norte; Padre Cícero; Marmoristas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, Maria Elizia. **Arte Funerária no Brasil (1890-1930)**. Ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2002.

CARVALHO, Gilmar de. **Madeira Matriz: cultura e memória**. São Paulo: Annablume, 1998.

ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006.

SIQUEIRA, Vera Odísio. **De Dom Bosco a Padre Cícero: a saga do escultor Agostinho Balmes**. Odísio discípulo de Rodin. Fortaleza: IMEPH, 2011.